



ANNO I

S. Paulo, 13 - 14 de Setembro de 1902

Num. 4

O 'Fiat-Lux'

Director

BAPTISTA DE SANCTIS

Redactores

JOÃO DE ALMEIDA MORAES e
ODILON DO NASCIMENTO

Expediente

O "Fiat-Lux" será publicado semanalmente.

Assignaturas :

| | |
|--------------------|--------|
| Anno | 6\$000 |
| Semestre | 3\$500 |
| Avulso | 100 |

Não se restituem autographos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Typographia Durski, á Rua Libero Badaró n. 58.

Serão considerados assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero.

A lavoura e o commercio

Todos os periodicos têm commentado o estado actual da nossa lavoura e do nosso commercio, elevando-se em altas considerações economicas e expendendo diversas theorias para sanar a terrivel crise que avassalla o nosso paiz.

Homens de altissima competencia e profunda erudição, se têm levantado de todos os pontos do Brasil, estudando aprofundadamente o terrivel mal social e apresentando o remedio que reputam seguro e infallivel para restabelecer a actividade agricola e commercial.

Muitas são as opiniões e divergentes os principios apresentados por cada um na pesquisa deste santo remedio, que devera exterminar por completo a terrivel crise e collocar tudo novamente em seu pé, activando a lavoura e o commercio, que para um paiz como o nosso, cuja industria ainda está no estado embrionario, são a propria vida do paiz em todos os pontos de vista.

As casas do Congresso, se têm occupado vivamente com essa intrincada questão economica, procurando proporcionar os meios efficazes para tirar o paiz da situação critica em que se acha.

Ha muitos annos que esta questão é arduamente debatida, tanto nos congressos por meio da palavra dos representantes do povo, como na imprensa por meio da penna de habéis economistas, que com as suas luzes querem

salvar a patria desta terrivel situação economica em toda a nação.

Entre as diversas e multiplas medidas apresentadas e postas em pratica, parece-nos que até agora nenhuma produziu o effeito almejado.

Incontestavelmente, a crise do nosso paiz é devida ao excesso de produção do café, principal fonte de riqueza nacional, sobre o consumo, conforme se tem constatado pelas estatisticas ultimamente feitas, onde se vê que a Europa gasta annualmente cerca de 11 milhões de saccas de café, e que só o Brazil produz 16 milhões de saccas annuaes. Ora, havendo este excesso de produção sobre o consumo europeu, com quem o Brazil mantém os mais fortes laços de commercio, é evidente a desvalorisação desta mercadoria, por quanto não é só o Brazil que produz café e que mantém relações commerciaes com a Europa, mas tambem os paizes da America Central, da Asia e as colonias europeas na Africa, onde o café é nativo, embora a produção seja em menor quantidade que nos outros paizes.

A preferencia que os paizes europeus dão ao café das suas colonias é evidente e logico, porquanto trata-se de interesses do proprio paiz metropole, auferindo as vantagens do transporte e das tarifas aduaneiras.

Devido a esse excesso de produção na lavoura do café, os paizes europeus mantendo o interesse das suas colonias que redundam em seu interesse proprio, vedam a entrada do café das outras nações, sobrecarregando-o de exorbitantes impostos, de maneira que chega quasi a exceder ao preço da circulação dentro do paiz,

Uma das medidas aconselhadas para valorisar o nosso café e sanar assim a crise economica, foi a queima do producto, afim de, reduzindo a quantidade que devia entrar em circulação, para menos do consumo, o preço do mesmo havia de forçosamente, augmentar.

Esta medida posta em pratica por diversas nações, em momentos de grande abundancia de generos e consequente desvalorisação dos mesmos, deu brilhantes resultados, por isso a consideramos importante e energica; porém, em nosso paiz não teve guarida, em virtude da tremenda opposição que se lhe fez.

Não é totalmente, porém, a este excesso do nosso producto agricola, que vemos hoje o nosso paiz atravessar a tremenda crise que o asphyxia, é tambem devido a erros do governo quanto ao papel moeda.

O processo de incineração do papel moeda, adoptado pelo governo no cumprimento do convenio, foi vivamente combatido pelos homens mais abalisados do nosso paiz.

A esse respeito, diz o sr. Ruy Barbosa :

"Mas estar em *déficit*, ser obrigado para lhe acudir, a carregar no pezo dos tributos, não ter certeza ainda assim de vencel-o, e desviar de seu destino inviolavel, a solução das dividas instantes, esse peculio extorquido á nação em nome de suas despezas necessarias, para o incendiar é aventurar-se a um arbitrio,

sobre contrario ao bom senso, inconciliavel com a moral e com a humanidade."

A opinião quasi que em geral manifestou-se contra a incineração.

Escreve o sr. conselheiro Angelo do Amaral sobre o mesmo assumpto :

"O resgate, além de inopportuno, é perigoso. Ou toda emissão está effectivamente em gyro ou grande parte della jaz inactiva nas caixas dos bancos e em poder dos particulares.

Na primeira hypothese a incineração ha de produzir uma revolução nos preços, mas em sentido contrario á que foi produzida pelas emissões posteriores de 1889, isto é, aggravará a crise economica, devida principalmente á desvalorisação do nosso primeiro artigo de exportação, dificultará mais os descontos e precipitará o paiz em uma situação peor do que a que se trata de remediar.

Na segunda hypothese a incineração será um sacrificio inutil emquanto se restringir á quantidade de papel que está fóra da circulação, porque igual quantidade virá substituí-la."

Vimos, pois, como a incineração do papel moeda é considerada um mal para as finanças, e que esses escriptores já previam o aggravado da crise economica por causa desta medida mal acertada.

Eis-nos, pois, pela dupla causa da incineração do papel moeda e do excesso de produção de café sobre o consumo, que accarretou a sua immediata desvalorisação, atravessando a mais tremenda crise economica que surprehendeu o nosso bello e fertilissimo paiz, justamente quando desdobrava as azas para iniciar o vôo rapido na marcha do progresso.

Um quinhão de culpa cabe tambem aos proprios lavradores, que pensavam ver no café o unico elemento de riqueza em todas as épocas, deixando de parte outros generos de cultura, que dão aos paizes que os desenvolvem, um lucro consideravel; e, occupando o nosso paiz quasi toda a região do hemispherio sul, tem toda a variedade de climas, e por conseguinte capaz de produzir quasi todos os generos de cultura agricola.

Seria, portanto, uma medida bem acertada, se ao lado do bello e verdejante cafetal e do resplandecente e fulvo canavial, o lavrador tivesse por exemplo, bellos pés de amoreiras e cultivasse o bicho da seda, genero de cultura fertilissimo, que é quasi a unica riqueza de muitos paizes, e que por seu turno viria dar incremento á industria e fortalecer mais o commercio.

E' com auctoridade que cito este exemplo, porquanto foi constatado por sabios, que muitos casulos acondicionados em nosso paiz são superiores áquelles de outros paizes.

Além desta cultura, muitas outras podem se implantar com proveito, concorrendo deste modo para o desenvolvimento da agricultura em todos os seus ramos, para o desenvolvimento da industria que tão menosprezada é entre nós, e enriquecer mais o commercio com a variedade de productos.

Quanto ao nosso café, a despeito das opposições fortissimas que se levantaram contra a

queima do mesmo, ha pouco tempo presenciámos um bellissimo phenomeno metereologico, que raramente se opera nas nossas regiões, e que foi no meu entender e no de muitos o verdadeiro *maná do céu* para abrandar este mal que nos aniquilla. A natureza toda poderosa, com suas leis irrevogaveis e os seus principios indestructiveis, veio com a sua suprema sabedoria dar o remedio para o nosso mal.

Eil-a então que em bella manhã de Agosto, depois de um frio intenso debaixo de um céu limpido e sereno, apresentou-nos á vista um bellissimo espectáculo; um alvejante lençol de geada cobria a face da terra esmagando sob seu pezo a bella vegetação verdejante. E lá se foram os extensos cafesaes com a branquejante e numerosa florada que mais do que outras épocas promettia uma abundantissima safra.

Lauro Cavalcanti.

Féminisme et Commerce

On ne peut qu'applaudir a l'intelligente initiative que vient de prendre le gouvernement de l'Etat de S. Paulo en créant une école supérieure de commerce.

C'était une lacune regrettable, en verité, dans une ville où le commerce prend, de jour en jour, une extension plus grande, et où la formation de nouveaux comptables était, la plupart du temps, subordonnée á la complaisance plus ou moins grande, de comptables déjà formés.

Dans bien de cas, même, l'employé de commerce ne se formait qu'aux dépens de sa propre expérience.

La création d'une école de commerce s'imposait véritablement, le gouvernement l'a compris, et le voeu de tous est devenu une réalité.

Le titre de cet article fait penser qu'il s'adresse spécialement à la femme c'est en effet aux jeunes filles que je veux diriger quelques lignes.

Je ne suis pas féministe, mes jeunes amies; à aucune de vous je ne donnerais le conseil de conquérir un diplôme de doctoresse, quoique je ne trouve pas mauvais que, de temps à autre l'une d'entre vous prouve à l'homme que, aussi bien que lui, la femme peut s'élever aux études supérieures et abstraites.

Mais ceci doit être l'exception, et même la rare exception.

Les féministes qui luttent à outrance, afin d'obtenir pour la femme des droits civils et politiques égaux à ceux de l'homme, sont peut être les pires du féminisme.

Mais, dans cette question, on en est encore aux tâtonnements inévitables d'une idée nouvelle. Il y aura encore bien des oscillations, d'un extrême à l'autre, avant d'arriver au juste milieu.

Je me souviens à propos d'une jeune Hollandaise de mes amies, qui, à peine âgée de 18 ans, venait de conquérir, avec la plus grande distinction, un magnifique diplôme. Il eût été difficile de dire dans quelle matière elle avait le plus brillé, s'étant distinguée dans toutes les branches. Un vieil ami de sa famille la taquinait aimablement, lui demandant si, des mathématiques, du droit ou de la médecine, quelle science allait avoir sa préférence.

Elle regarda son interlocuteur d'un oeil sérieux et grave, puis, entourant de ses bras le cou de sa mère: "Je ne veux plus que les leçons de ma chère maman, dit elle; qu'elle m'enseigne à devenir ce qu'elle a été, et je serai assez savante." Puis elle ajouta, avec un sourire malicieux: Il y a déjà trop de maris qui courent avec des trous à leurs bas et des chemises sans boutons, je ne veux pas augmenter de nom de mon mari, la liste déjà longue de ces malheureux."

Elle avait parfaitement raison ma jeune amie, et je fus vraiment charmée de voir que les études supérieures lui avaient laissé tout son bon sens.

Croyez-moi, mesdemoiselles, l'idéal sera toujours de voir la femme épouse et mère, ange et gardienne du foyer, compagne de l'homme, éducatrice de ses enfants.

Malheureusement, cette théorie idéale n'est pas toujours pratiquement réalisable: d'une part,

l'égoïsme de l'homme qui, le plus souvent cherche dans le mariage une bonne affaire; d'autre part, il faut bien l'avouer, la frivolité et l'amour du luxe qui se développe chez la femme, rendent de plus en plus difficile le mariage de la jeune fille de condition moyenne.

En Europe, par exemple, surtout dans les grandes villes, elles sont légion les jeunes filles que cette situation met dans la nécessité de gagner leur vie par le travail, et ce mal commence à s'étendre aux régions les plus civilisées de l'Amérique.

Le *struggle for life* devient de plus en plus acharné et la femme doit, à son tour, prendre sa part dans cette lutte.

Dans un pays jeune comme le Brésil, où l'industrie est encore à l'état embryonnaire, la jeune fille n'a pas le choix entre des nombreuses positions.

Il y d'abord les travaux manuels: couture, modes et broderie; travaux si peu rémunérateurs qu'ils donnent à peine de quoi végéter et non de quoi vivre.

Il y a aussi la carrière de l'enseignement: l'École Normale est là, accessible à toutes. Mais les études normales, outre qu'elles demandent par avance une certaine préparation dans de nombreuses matières, exigent encore trois ou quatre années d'études.

Une carrière nouvelle s'ouvre aux jeunes filles: le commerce. La tenue des livres est tout à fait à leur portée, et l'école de commerce qui vient d'être installée les formera à cette profession.

Il convient de faire remarquer que cette préparation n'exige qu'un temps relativement court, et que, au point de vue pécuniaire, les résultats sont suffisamment rémunérateurs.

Quant aux aptitudes que faut-il? De la bonne volonté d'abord; ensuite quelque disposition pour l'arithmétique.

Car, pour tout dire, l'arithmétique et la comptabilité marchent en se donnant la main, et il est des questions d'escompte et d'échéances moyennes qui sont des problèmes déjà bien avancés.

Mais ce sont là des difficultés facilement surmontables et qui ne rebuteront aucune de vous.

Ces études n'amèneront pas, chez celles qui s'y adonneront, les défauts que font naître les préparations aux études supérieures.

Il est un fait certain, c'est que la plupart des jeunes filles qui ont conquis leurs grades de bachelière ou de doctoresse, trouvent indignes d'elles, les préoccupations du ménage.

Il n'en sera pas de même de vous, au contraire. Vous apprendrez à compter et acquerrez ainsi une qualité de plus.

C'est un vrai trésor qu'une femme qui sait équilibrer le petit budget de la famille; sait régler sa dépense sur son revenu; tandis que, bien souvent, la ruine d'une famille est la conséquence du manque de prévoyance et de calcul de la mère de famille.

On objectera peut-être que la place d'une jeune fille n'est pas dans un bureau. Et pour quoi pas?

La femme qui a le respect de soi même inspire aussi le respect aux autres. Mieux encore, celle qui, courageuse et vaillante, envisage la difficulté de la lutte pour la vie et ne craint pas d'entrer dans la mêlée, ne peut y trouver qu'un accroissement de dignité.

Pour que ce voeu se réalise que faudrait-il?

Que les plus décidées donnent l'exemple; il suffirait qu'un petit nombre d'entre vous prennent généreusement l'initiative du mouvement, forment l'avant garde, et comme de hardis éclaireurs montrent le chemin aux autres.

Une fois l'élan donné, elles seraient bientôt suivies, croyez—le bien; et tout l'honneur en rejallirait sur ces vaillantes de la première heure, qui auront su, malgré certains préjugés, indiquer la voie aux hésitantes.

Allons, mes jeunes amies, un peu de courage et de décision. Je puis vous assurer d'avance que l'essai ne pourra que donner d'excellents résultats et, dans votre for intérieur, vous me remercierez du conseil que je vous donne en amie.

Marie Elisabeth.

O Estado e a evolução

O estudo que ora encetamos, estudo superficial ao alcance de nossas forças e quasi insignificante cabedal scientifico, não é, como facilmente se deprehe de da epigraphe que encima estas linhas, referente ao *Estado* actual, relativamente perfeito, mais ou menos completo com funções definidas e satisfactoria distincção entre os poderes de que consta, mas sim um estudo retrospectivo, procurando alcançal-o em seu germen, em seu nascimento.

Queremos estudal-o de conformidade com a lei philosophica a que tudo se subordina, lei a cujo dominio não escapou o proprio planeta, que habitamos, em sua longa e gigantesca transformação. Um dos mais illustres sustentáculos do templo da Philosophia, Herbert Spencer, fugindo ás concepções *aprioristicas* que até então dominavam a sciencia da Philosophia e seguindo o methodo a esse estudo adaptado pelo não menos illustre Augusto Comte, concebeu depois de accurada observação, e proclamou de um modo absoluto a lei fundamental de seu modernissimo systema philosophico: — "Tudo passa do homogeneo para o heterogeneo". A esta lei estão subordinadas as quatro estupendas synthesis da ceração — o *Universo*, a *Terra*, o *Estado* e o *Homem*; o nosso estudo visa somente a terceira dessas maravilhosas creações — o Estado, encarado sob o ponto de vista da lei evolutiva que vimos de enunciar, pois precisamos saber o que foi o Estado, donde elle se originou, para encontrarmos facilidade quando quizermos ter uma noção segura no momento, ou parodiando Descartes — é bom saber alguma cousa sobre o *Estado* nos outros tempos para melhor e mais facilmente apreendermos a sua noção contemporanea.

Do mesmo modo pelo qual uma cellula organica, informe e homogenea, evoluindo naturalmente, dá nascimento ao mais completo e perfeito organismo — o homem; do mesmo modo que uma fracção da nebulosa universal, á mercê dos movimentos que lhe foram comunicados pelas *leis naturaes*, originou o nosso planeta, tambem de um simples *aggregado* de homens, quer elle tenha sido precedido de um contracto, como affirma Rousseau, quer elle tenha sido determinado pela natureza eminentemente social do homem, como entendia Aristoteles e como ensinam os modernos, enfim, quaesquer que sejam as hypotheses sobre a origem da sociedade humana, de um simples *aggregado de homens*, diziamos, surgir a *sociedade* que por sua vez deu origem ao Estado, esse maravilhoso machinismo juridico-organico que dirige a humanidade.

A evolução do Estado foi longa e paulatina, como todas as transformações cujo andamento depende das leis physicas: sua duração não é estimada em annos, mas em seculos, seculos atrevez dos quaes a noção do Estado soffreu modificações e perturbações, quasi sempre benéficas, que lhe permittiram chegar até nós, completo, perfeito (relativamente) e admiravel!

O primeiro logar onde, por meio da Historia, encontramos a noção do Estado é na Índia, noção confusa e rudimentar que denuncia a existencia de uma sociedade theoreticamente organizada e dividida em castas, cuja principal era certamente a dos padres; havia uma *autoridade commum*, que tudo dirigia e um rudimento de poderes publicos.

Na Grecia, entretanto, se nos depara uma noção mais nitida, com um perfil mais accentuado.

Para os Hellenos o Estado era considerado ora um *organismo*, ora uma comunidade; quer organismo, quer comunidade, o Estado tudo absorvia, tudo abrangia.

Platão, fundador da theoria do *organismo*, dizia que o Estado era tanto mais perfeito quanto mais se approximava do organismo humano, era a mais alta revelação da virtude do homem, a representação harmonica das faculdades de sua alma, a humanidade perfeita, o homem em ponto grande, enfim, o Estado era tudo, tudo delle dependia, era uma condição *sine qua* da existencia humana.

Cego, pela admiração que lhe causava essa instituição, esse *todo maravilhoso*, Platão considerava o *Estado* como titular de todos os direitos, e avocava para elle até o direito de determinar a religião que seus subditos deviam adoptar: o homem tinha somente o direito de fazer parte desse *organismo*, desse *homem em ponto grande*.

Divergindo algum tanto de Platão, em relação ao methodo e mesmo em relação ao conceito, Aristoteles, dá uma direcção differente ao conceito de Estado.

Este já não é tão absoluto, pois que, fundando-o, numa *communidade de familias, ipso facto*, concede ao homem alguns direitos, mais ou menos independentes da acção absorvente do *todo* colectivo.

O Estado é um producto da natureza humana *essencialmente* social, por que "o homem dentro do Estado é um ser jurídico, fóra delle não tem segurança, nem liberdade" no dizer de Bluntschli.

Resumindo ou synthetizando podemos dizer com os escriptores: o Estado grego era a ordem moral.

Depois desta breve analyse do conceito grego, vejamos se elle era o mesmo entre os Romanos. Em virtude do espirito pratico que os caracterisava, os Romanos, mesmo influenciados pela Philosophia hellena, conceberam um Estado mais conforme á natureza social da humanidade, de que elle era um producto espontaneo, e cuja acção não era tão absorvente, nem tão extensa, como na Grecia; isto porque, distinguindo o direito da Moral (*non omne quod licet honestum est*), deram ao Estado uma acção limitada pelo circulo juridico, passando elle a constituir a ordem juridica por excellencia.

No Estado romano, si bem que não se distinguisse nitidamente a autoridade civil da religiosa, havia um chefe supremo representando o poder publico, um Senado encarregado da confecção dos preceitos legislativos e os homens (*cidadãos romanos*) gosavam de quasi todos os direitos que hoje lhes são concedidos; si é certo que as liberdades de pensamento e de consciencia foram reduzidas ao arbitrio de despotas como o eram Nero, Diocleciano e outros, não é menos certo que outros direitos foram ampliados ao ponto de conceder-se ao pae o direito de dispôr da vida de seu filho.

Esta noção ao transpôr os limites da Idade Media obscureceu se parcialmente.

O estado deixou de ser a ordem juridica, cujo fundamento era a natureza humana, cujo fim principal era a distribuição do Direito e da Justiça, para ser uma instituição divina creada pela vontade omnipotente de Deus.

"O estado tal qual o vemos, não é sinão um reflexo do *ideal divino* do Estado", dizia Niebuhr.

Este modo de comprehender o Estado fez Plutarcho afirmar que *mais facilmente se fundaria uma cidade sem territorio do que um Estado sem Deus*, ao mesmo tempo que Luiz XIV, cujas tendencias absolutistas tornaram-se uma realidade, dizia: "aquelle que deu reis ao mundo, quiz que elles fossem honrados como seus representantes na terra; pelo que suas acções estão acima dos julgamentos dos homens e só Deus as póde julgar".

Duas eram as autoridades neste *Estado divino*; uma civil e outra religiosa; ambas viviam de perfeito accordo porque os seus poderes emanavam da mesma fonte-Deus, confôrme entendemos a phrase de Hincmari "*Duo sunt quibus principaliter, mundus hic regitur: autoritas sacra Pontificum et Regalis potestas*", e a affirmação de Sach sensp: — Deus deu duas espadas para o governo da Christandade: ao Papa a espada espiritual, ao Imperador a temporal. Esta concepção, além de completamente desmentida pelo perpassar dos tempos, escapa ao dominio da sciencia, para entrar no dominio da metaphysica

Spencer, dividindo tudo o que existe em duas classes: a do *cognoscível* (objecto da sciencia) e a do *incognoscível* (objecto da religião), tornou bem patente a distancia que medeia entre a sciencia e a religião; e si acima da concatenação de causas e efeitos, do reproduzir cons-

tante, uniforme dos phenomos naturaes que observamos, si acima da contingencia terrena existe essa *vontade omnipotente* que tudo quer e que tudo póde, *vontade constante* e immutavel, immutavel e constante deve ser o Estado por ella creado: ora, essa immutabilidade e permanencia são totalmente destruidas pela natureza evolutiva e essencialmente progressiva do *Estado* e consequente perfeição no seu conceito; logo applicado ao *Estado* o caracter de permanencia que logicamente lho deveria attribuir a theoria da instituição divina, essa applicação daria em resultado a negação do proprio *Estado*. Demais essa pseudo-doutrina encontra poderosa resistencia nas explicitas palavras do proprio Christo: *Dae a Cesar o que é de Cesar; e a Deus o que é de Deus*; palavras estas que estabelecem a distincção entre *sciencia* e *Religião*, entre *Estado* e *Igreja*, e entre o *homem* e Deus.

Bipartido o grande Imperio Romano, foi uma das suas partes — a Occidental, violentamente perturbada pelas impetuosas avalanches barbaras que rapidamente se espalharam por todos os recantos de suas então fraccionadas provincias.

Afigurou-se-nos que as noções de Estado e de Direito seriam sepultadas no abysmo da barbarie e substituidas pela força em suas diversas manifestações, mas assim não aconteceu, porque si é certo que os barbaros (os germanos, por exemplo) eram ignorantes, incultos, violentos, não é menos certo que elles eram vizinhos dos Romanos e como taes não poderiam deixar de receber a influencia da civilização romana.

O *Estado*, entre os Germanos, era não mais a *ordem juridica*, a *ordem moral* ou a *ordem religiosa*, mas a *resultante da natureza humana, com um territorio e sob uma autoridade commum*; esta noção como vemos, originou-se da alliança do mais puro individualismo com o principio pratico dos Romanos.

Emquanto Chauveau, de conformidade com os Gregos e com os Romanos affirmava que o *Estado* era a realidade e o homem uma abstracção, os Germanos pensavam justamente o contrario. O Estado era uma abstracção — era um mal, um mal necessario, um *nexum* que mantinha a união germanica, ao passo que o homem era a suprema realidade, nada se fazia sem o seu consentimento; até o imposto que elle pagava era por elle mesmo votado. Assim, pois, contribuindo para a concepção do Estado com a ideia da liberdade do homem e das garantias do Direito Publico e do Direito Privado, essenciaes ao desenvolvimento dessas mesmas liberdades, a influencia germanica perturbou o seu conceito por causa da applicação quasi instantanea de um individualismo tão contrario ao absolutismo romano dos Cezares. Essa grande somma de poderes depositadas nos homens deu em resultado uma paralyzação na organização dos poderes do Estado e, por assim dizer, desfez o conceito de *nação*. O estado subdividiu-se em um grande numero de pequenas soberanias — *feudos* e o *jus publicum* dos Romanos ficou obliterado.

(Continúa)

J. Alves dos Santos

Registro

ESCOLA PRATICA DE COMMERCIO

No intuito de servir da melhor forma possivel aos interesses da Escola Pratica de Commercio, temos o prazer de por á disposição dos Professores e alumnos do utilissimo estabelecimento de ensino as nossas modestas columnas para tudo quanto de qualquer modo possa concorrer para o seu proveito e renome.

É, pois, com a maior e sincera satisfação que publicamos a lista abaixo, constando dos nomes dos distinctos cidadãos que formam o illustrado corpo docente da referida Escola e a respectiva Secretaria bem como o horario de todas as aulas, para completo conhecimento do publico:

Director
Senador Coronel Lacerda Franco
Vice-Director
Dr. João Pedro da Veiga Filho
Lentes de Portuguez
Dr. Amphiloquio do Amaral e Professor
Frontino Guimarães
Lentes de Francez
Dr. F. A. de Abreu e sr. Manoel Ribeiro da
Fonseca
Lentes de Inglez
Srs. Martin Sonnbitner e George Niedermeyer
Lente de Arithmetica e Algebra
Dr. João V. Miranda
Lentes de Desenho Geometrico
Dr. João Moreira Maciel e sr. Alfredo
Nascimento
Lentes de Escripuração Mercantil
Srs. Horacio Berlinck e Francisco Lavras
Secretario
Sr. Horacio Berlinck
Amanuense
Sr. Nestor Natividade
Ajudante
Sr. Antonio de Brito Sant'Anna

Horario

| 1.º Dia | |
|------------------------|-----------------|
| Inglez | 7 ás 8 da noite |
| Francez | 8 " 9 " " |
| Portuguez | 9 " 10 " " |
| 2.º Dia | |
| Desenho | 7 ás 8 " " |
| Arithmetica e Algebra | 8 " 9 " " |
| Escripuração Mercantil | 9 " 10 " " |

A Escola está dividida em duas turmas, havendo 2 dias de aula para a primeira e 2 dias para a segunda, successivamente.

RECREIO D. LUSO BRASILEIRO

Realizou a 2.ª *soirée* dramatica e dansante, no dia 6 do corrente, nos salões do seu Club, a sociedade "Recreio D. Luso Brasileiro".

O programma constou de uma parte theatral, cujos papeis nas diversas peças que levaram foram brilhantemente interpretados pelos distinctos amadores que nellas tomaram parte, e de uma dansante, tendo a directoria a satisfação de ver os salões do club, replectos de gentis senhoritas e cavalheiros.

O baile prolongou-se até alta hora da madrugada.

Agradecemos mais uma vez o convite que nos foi endereçado e a distincção com que foi tratado o nosso representante.

Fazemos votos pela prosperidade da digna sociedade.

AINDA O NOSSO PERIODICO

É com summo prazer que folgamos em registrar as constantes cartas de felicitações que se nos tem enviado benevolos leitores, pelo desenvolvimento actual que dia a dia vae adquirindo a nossa tolha.

Diversos litteratos desta Capital e do Rio nos têm sobremaneira encomiado, salientando-se dentre este o distincto versificador de apurado gosto, sr. Manoel Lavrador Filho, que do bello e incomparavel Emporio Sul-Americano enviou-nos tão gentil missiva.

Ainda agora o nosso verdadeiramente intelligente companheiro, Pedro Odilon do Nascimento foi alvo de uma sympathica admiração pelo talento e proficiencia com que tratou, no seu artigo de fundo, a questão que prende a Italia ao Brazil num laço indestructivel pela fraternidade ethnologica e commercial.

É do sr. L. Zanelli o cartão cujo conteúdo em seguida transcrevemos:

Illmo. sr. Pedro Odilon — Prezadissimo sr. — Tive o prazer de ler o vosso tão brilhante quanto patriotico artigo sob o titulo "Italia-Brazil".

Permitti, pois, que vos abraçe affectuosamente o vosso concidadão — L. Zanelli.

XX DE SETEMBRO

Por occasião do XX de Setembro: — **Satana**, — a forte lyrica do primeiro poeta italiano, Giosué Carducci. Acha-se á venda com os vendedores de jornaes.

Contabilidade Aplicada

A's Emprezas Commerciaes. Industriaes. Agricolas e Financeiras abrangendo um estudo completo sobre cambio

Systema monetario do Brazil, juros compostos, amortisações e uma monographia sobre bancos, por

HORACIO BERLINCK

Contador e professor da Escola Polytechnica de S. Paulo

Obra approvada pela congregação da Escola Polytechnica e premiada pelo Governo do Estado de São Paulo

Com uma introdução por

J. da Costa Sampaio

Segunda edição -- Revista e augmentada
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

TYPOGRAPHIA

Encadernação ⊙ Papelaria ⊙ Pautação ⊙ Douração ⊙ Autotypia
Zincographia ⊙ Carimbos de borracha ⊙ Stereotypia

Fabrica de Livros em Branco

Duprat & C.

14 — Rua Direita — 14

Artigos para Escritorio, Desenho e Pintura

Cadernos Escolares

* Fornecedores das Estradas de Ferro *

Bancos, Repartições publicas e para o Commercio em geral

Caixa do correio n. 52

TELEPHONE 78

Casa Filial: Avenida Rangel Pestana, 201 (Braz)

São Paulo

Drogaria e Perfumaria

— DE —

J. Amarante & Cia.

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas

Accessorios para pharmacias, vasilhames, etc.

Agua mineraes naturaes de todas as procedencias.

→○←

Deposito permanente de todos os preparados nacionaes de Silva Araujo, Werneck, Orlando Rangel, Granado e Freire de Aguiar.

Completo sortimento de perfumarias dos mais afamados fabricantes francezes, inglezes e norte-americanos.

11, RUA DIREITA 11

S. PAULO Caixa postal, 149

UNICA QUE VENDE SORTES

PREMIO MAIOR

10:000\$000

Por 3\$000

Por 3\$000

EXTRACÇÃO

Segunda Feira 15 de Setembro de 1902

os pedidos do interior devem ser dirigidos á Thesouraria, ao dr. Amazonas Pinto, ou a

Dolivaes Nunes & Comp.

RUA DIREITA, 10

S. PAULO

Acceptam-se agentes no interior do Estado e offerece-se vantajosa commissão.

Já estão á venda os bilhetes

Ao Chic Universal

Modas para homens e senhoras

Apromptam-se Vestidos em 24 horas

LIVRÉAS para cocheiros, FAZEN-
DAS INGLEZAS e FRANCEZAS.

Fala-se inglez, allemão, russo
e as linguas latinas.

Casa C. Perrelli

N. 70-RUA DA BOA VISTA-N. 70

S. Paulo

Alfaiataria

"SCHMIDT"

CASA ESPECIAL DE ROUPAS SOB MEDIDA

Preços rasoaveis
ULTIMAS NOVIDADES

RUA DO ROSARIO N. 13

S PAULO

N. Schmidt

PREVENDO O FUTURO

A Companhia A Economica, mediante a pros-
tação annual de 12\$, ou mensal de 1\$200, emit-
te titulos de accumulção do valor de 500\$,
sorteaveis uma vez por mez.

Ao fim de cinco annos, serão embolsados os
donos dos titulos não sorteados com a impor-
tancia integral das prestações pagas. Os titulos
sorteados serão immediatamente pagos pelo seu
valor nominal — 500\$000.

Não depende a emmissão dos titulos de exa-
me medico, por não se tratar de seguro de
vida.

Para maiores esclarecimentos na rua Direita,
n. 22, (sobrado).

NOVA

Lei das Fallencias

Nitidamente impresso

VENDE - SE

— NA —

Casa Durski

Rs. 1.500

Rua Libero Badaró n. 58

S. Paulo

Typ. Durski.—S. Paulo.

PENSÃO BRAZILEIRA de D. Belizaria Ribeiro.—Hospedam-se familias do interior, sendo de reconhecida seriedade. Recebem-se pensionistas internos e externos, a preços módicos. Rua da Quitanda n. 11.